



# Nos labirintos da bioparanóia

A prisão de pesquisadores americanos por pegar lama no Pantanal mostra como o Brasil está virando um território hostil aos cientistas

Juliana Arini

**U**m americano e dois brasileiros cruzam a Baía Vermelha, na Serra do Amolar, em uma lancha. Eles atravessam um dos cenários mais surpreendentes do Pantanal sul-mato-grossense, formado por serras que emergem de uma planície alagada. Já eram quase 4 horas da tarde, e os três homens que se equilibravam no barco para recolher sedimentos do fundo do lago estavam com pressa. Eles queriam fugir do horário dos ventos do Pantanal, que podem fazer uma embarcação surfar em ondas de até 2 metros de altura. Outro brasileiro e dois americanos acompanham o grupo de longe, na

margem da baía. O grupo era formado pelos geólogos americanos Mark Andrew Tress, Michael Matthew McGlue e Kellu Michael Wendt, da Universidade do Arizona, e pelos brasileiros Fabrício Aníbal Corradini e Aguinaldo Silva, da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Os cinco estavam na região para tentar descobrir, a partir de levantamentos geológicos, como era o clima do Pantanal 30 anos atrás. A pesquisa pode ajudar a prever como a região vai reagir às mudanças climáticas.

Mas foi interrompida naquele dia, 16 de junho, por três policiais federais. Os agentes chegaram à baía onde eles pesquisavam

e perguntaram onde estavam os documentos e autorizações para o estudo. Mesmo mostrando os documentos da Unesp e uma autorização do Ibama, os pesquisadores foram chamados para depor na sede da Polícia Federal, em Corumbá. No dia seguinte, foram interrogados... e presos. A acusação era de roubo do patrimônio da União e mineração ilegal. O patrimônio em questão eram 4 quilos de lama recolhidos do fundo da baía. Sob fiança de R\$ 1.500 cada um, os brasileiros foram liberados no dia seguinte. Os americanos ficaram dez dias na cadeia. Saíram, afinal, sob fiança de R\$ 5 mil cada um, mas estão com os passaportes retidos.

O caso é o exemplo mais recente de um grave problema ambiental do país: a bioparanóia. Ela ocorre quando pesquisadores sérios são presos e acusados de roubar a biodiversidade do Brasil. Mesmo quando comprovam sua atuação científica, a acusação persiste. A perseguição é alimentada por uma mistura de fatores, como a imprudência de certos pesquisadores (ou puro azar), uma legislação brasileira confusa em relação às pesquisas internacionais e agentes da polícia insuflados pelo histórico real de casos de roubo das riquezas naturais do

A exemplo do biólogo americano Thomas Eugene Lovejoy, um dos maiores especialistas em florestas tropicais do mundo. Ele chegou a ser acusado de ser espião da CIA, a agência de inteligência americana. Depois de duas décadas de pesquisas e muitas acusações, incluindo processos, acabou desistindo do Brasil. Hoje, pesquisa no Centro Heinz para Ciências, Economia e Meio Ambiente, em Washington.

O medo de ser preso ou ter seu material de pesquisa apreendido pelas autoridades já leva os estrangeiros a pensar duas vezes antes de escolher o Brasil para pesquisar. "Quando decidi vir para a Amazônia, todo mundo me chamou de louco. Falavam que eu iria ser preso e ter muitos problemas", diz o americano Philip Fearnside, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), que mora no Brasil há mais de 30 anos. "Na época, todo mundo me aconselhou a ir para florestas tropicais mais seguras, onde a pesquisa internacional é mais compreendida, como na Costa Rica." Segundo ele, a hostilidade às pesquisas é ruim para o país. "Só vamos evitar o verdadeiro problema da Amazônia, que é o desmatamento acelerado, quando conhecermos a região de verdade."

A solução para separar os pesquisadores sérios dos ladrões de biodiversidade depende do governo brasileiro. A ausência de regras claras sobre o procedimento correto de um estrangeiro é sempre o gatilho dos casos de bioparanoia. A lei do Conselho Nacional de Migração que regula a entrada de estrangeiros é nebulosa. Ela sugere que, no caso de uma visita não remunerada, o pesquisador deve entrar

## Enquanto os cientistas têm problemas, menos de 10% dos biopiratas de verdade são pegos

no Brasil com o visto de turista. No caso de bioprospecção, ela exige uma licença do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mas no mesmo texto ela dispensa essa licença se houver cooperação com universidades brasileiras. E exige apenas a apresentação de uma carta convite no consulado brasileiro. Os americanos presos no Brasil não tinham esse documento.

Tanto o delegado da PF que os prendeu quanto o diretor de pesquisas da Unesp e o próprio Ministério da Ciência e Tecnologia foram procurados pela reportagem para explicar como um estrangeiro deve atuar no país. Todos tiveram dificuldade em dizer qual seria a regra a seguir no caso de pesquisas internacionais.

Enquanto não fica claro como evitar que pesquisadores sérios sejam confundidos com biopiratas, o Brasil perde na qualidade de suas pesquisas sobre a biodiversidade, um terreno em que não existem grandes investimentos nacionais. O irônico é que, enquanto os zelosos agentes da lei perseguem alguns dos principais pesquisadores no Brasil, estima-se que menos de 10% dos biopiratas de verdade sejam detidos. Só são pegos quando tentam traficar volumes extremos de material biológico. No início do ano, um grupo foi preso embarcando no Aeroporto Internacional de Belém, no Pará, com 80 peixes ornamentais de espécies cuja exportação é proibida. No mesmo mês, a polícia pegou outra quadrilha com 7 mil peixes de uma espécie rara na mala. Em nenhum desses casos havia ligação com instituições de pesquisa ou algo do gênero. ♦



## Vítimas da bioparanoia

Outros pesquisadores que foram acusados de biopirataria e como isso gerou prejuízos para a ciência no Brasil



**Marc Von Roosmalen**

Atuou no Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa)

### PESQUISA

Holandês, naturalizado brasileiro. Era um dos maiores descobridores de espécies novas, inclusive de macacos, na Amazônia

### PROBLEMAS

Não cumpria todas as exigências legais para a coleta de animais. Foi condenado a 14 anos de prisão. Está solto por *habeas corpus*. Parou de pesquisar



**Thomas Lovejoy**  
Universidade Heinz, nos EUA

### PESQUISA

O americano é um dos pioneiros do estudo de florestas tropicais e das consequências do desmatamento

### PROBLEMAS

Foi acusado de ser espião americano e de tráfico de material genético do Brasil. Diz ter desistido de pesquisar no Brasil pelo excesso de burocracia e pelas acusações



**Claude Gascon**  
Vice-presidente da Conservação Internacional em Washington

### PESQUISA

O canadense, casado com uma brasileira, pesquisava anfíbios no Inpa. Era uma referência internacional

### PROBLEMAS

Acusado de biopirataria, saiu do país e hoje contribui com pesquisas em florestas na Indonésia



**COLABORAÇÃO**  
Os três americanos (acima) ajudavam os brasileiros a colher amostras do lodo pantaneiro na Serra do Amolar (foto maior). Suas pesquisas trariam conhecimento e dinheiro para preservar o Pantanal

país. O problema é que isso está afastando os centros de pesquisa sérios do Brasil.

O caso dos americanos mostra o clima de insegurança das pesquisas no Brasil. A Polícia Federal de Mato Grosso do Sul diz que os pesquisadores estavam em situação irregular. "Eles não tinham visto de pesquisadores", afirma Adriano Amaral, o delegado que decidiu prender o grupo. "Apenas os pesquisadores brasileiros tinham autorização para fazer as coletas na região. Apesar de terem vindo participar de uma pesquisa geológica, os três americanos entraram no país como turistas." Os americanos alegam que não foram informados sobre a necessidade do visto.

Sem dinheiro e sem seus equipamentos (tudo apreendido pela PF), os três continuam no Brasil por decisão da Justiça. Estão vivendo de favor em uma república de estudantes em São José do Rio Claro, em São Paulo. "A única coisa que a gente deseja neste momento é conseguir voltar para casa e retomar nossas atividades", diz McGlue. Ele não sabe explicar ao certo por que não tirou o visto de pesquisador.

"Estávamos começando um convênio, e a pesquisa ainda seguia em uma parceria informal", diz Mario Assine, diretor de pes-

quisas da Unesp. Ele conta que a parceria começou em 2007, mas o convênio formal entre as duas universidades ainda estava sendo negociado, mesmo já existindo uma cooperação dos estudantes americanos. Um deles já tinha visitado o Brasil duas vezes. E coletado algumas amostras do solo do Pantanal. Elas seriam analisadas na Universidade do Arizona, referência mundial em datação de certos materiais geológicos.

A Universidade do Arizona classifica o incidente como um terrível mal-entendido. "Os estudantes erram por entrar no país sem o visto formal, mas eles não estavam minerando nem roubando nenhum tipo de material", diz Johnny Cruz, assessor de imprensa da universidade. "As pesquisas deles são relacionadas ao estudo das mudanças climáticas e nada têm a ver com mineração." A prisão dos americanos gerou um abaixo-assinado de mais de 350 pesquisadores do mundo. Os cientistas fazem um apelo ao governo brasileiro para liberar os americanos.

O caso pode virar mais um capítulo na longa lista de episódios que envolvem pesquisadores estrangeiros e a bioparanoia no Brasil. Na maioria dos casos, o resultado é que esses pesquisadores vão embora do país. ▶